

1. O rei da Belíndia (uma fábula para tecnocratas)

Era uma vez um reino situado num longínquo rincão a meio caminho entre o Ocidente e o Oriente, denominando Belíndia. Segundo revelações dos antigos, esse nome, estranha unidade dialética de contrários, tinha a ver com a natureza da colonização original do reino, onde povos trazidos das índias produziam admiradas essências aromáticas que eram vendidas em mercados externos por comerciantes de origem belga.

Por aquele reino passou de certa feita um economista que, em visita ao rei, explicou de seus afazeres, introduzindo-o aos mistérios dos juros compostos e das taxas de crescimento de produtos e preços. Tão impressionado ficou o monarca com o visitante que de imediato o contratou para estimar a taxa de crescimento de Belíndia.

Para felicidade do visitante, Belíndia dispunha de um bom Instituto de Estatística, que também se dedicava ao traçado de mapas e cartogramas. Atendendo a um pedido do economista, os estatísticos produziram uma imensa listagem na qual arrolaram, na primeira coluna, os nomes dos belíndios economicamente ativos; na segunda coluna, os rendimentos em rupias-reais (a moeda que circulava no reino) percebidos no ano de MCMLX; e, na terceira coluna, a taxa de variação desses rendimentos (em rupias-reais de poder aquisitivo constante) entre MCMLX e MCMLXX para cada um dos nomes na lista.

A lista era enorme incluindo uma parcela substancial da população adulta de Belíndia. Por um passe de mágica, entretanto, uma amostra representativa de apenas seis elementos pôde ser extraída da população, com os seguintes resultados:

Nome	Renda Mensal em Rupias Reais em MCMLX	Taxa de crescimento da renda, em preços constantes, entre MCMLX e MCMLXX (%)
Antônio.....	100	15
Celso.....	10	2
Conceição.....	10	2
Fernando.....	10	2
Francisco.....	10	2
Paulo.....	10	2

Com esses dados, o economista pôs-se a trabalhar. Seu problema consistia em agregar de alguma maneira essa multiplicidade de taxas individuais de crescimento, de modo a chegar a uma taxa única que representasse o crescimento de Belíndia na década.

O economista meditou. Ele não conhecia as inclinações políticas do rei da Belíndia. Entretanto, ele considerou a possibilidade de estar lidando com um liberal-democrata. Se assim fosse, o rei deveria aderir ao princípio básico de a cada pessoa um voto, independente de cor, sexo, classe social ou crença religiosa. Se uma pessoa vale tanto quanto outra no plano político, é plausível admitir que também a taxa de crescimento de sua renda deva valer tanto quanto a taxa de crescimento da renda de outra pessoa, independentemente da condição social em que se encontre.

O agregado democrático das taxas de crescimento seria nesse caso obtido ponderando-se igualmente as taxas individuais de crescimento. Na amostra considerada, cada elemento receberia uma ponderação igual a 0,166, um número que somado a si mesmo seis vezes iguala à unidade, como deve acontecer com a soma de ponderações que se prezam. Então, obtém-se:

$$15\% \times 0,166 + 2\% \times 0,166 + 2\% \times 0,166 + 2\% \times 0,166 + 2\% \times 0,166 + 2\% \times 0,166 = 15\% \times 0,166 + 5 \times 2\% \times 0,166 = 4,15\%.$$

Com ponderações democráticas, a taxa de crescimento de Belíndia seria assim de 4, 15% na década, ou seja, um meio-termo entre a taxa de crescimento de Antônio (15%) e a taxa de crescimento dos outros cinco nomes na amostra (2%), aproximando-se mais do segundo número devido ao maior número de pessoas que experimentaram esta taxa de crescimento.

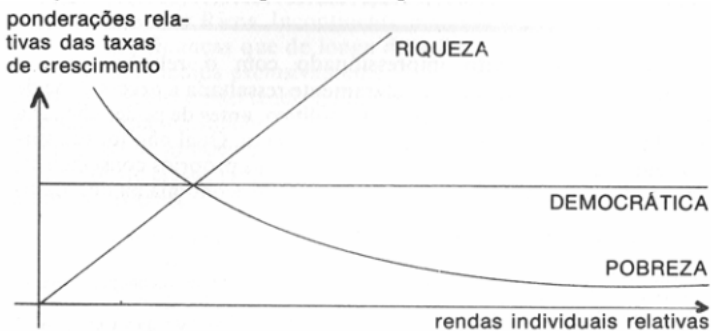
Pensando melhor, o economista - ele próprio um liberal - constatou nos dados a extrema desigualdade da distribuição da renda em Belíndia em MCMLX. Antecipou, então, que uma das metas do rei seria a alteração dessa distribuição na direção de maior igualdade de níveis de renda. Uma expressão quantitativa desse sentimento seria a avaliação das taxas de crescimento na razão inversa da renda das pessoas. Ou seja, a taxa de crescimento de uma pessoa rica receberia uma ponderação baixa e a de uma pessoa pobre, uma ponderação alta. No caso em tela, como Antônio tem uma renda dez vezes maior do que a dos outros cinco, a taxa de crescimento de sua renda teria uma ponderação dez vezes menor que a dos demais.

À nova taxa obtida com tais ponderações o economista denominou de "agregado da pobreza", por razões que lhe pareceram óbvias. Seguindo as regras acima, ele deu à taxa de crescimento da renda de Antônio um peso de 0,020 e às taxas de crescimento da renda dos demais um peso de 0,196, que foram os valores mais aproximados às ponderações ideais que pôde obter. O resultado para o agregado foi o seguinte:

$$15\% \times 0,020 + 5 \times 2\% \times 0,196 = 2,26\%$$

Com ponderações da pobreza, o economista concluiu que a taxa de crescimento na década fora de 2,26%. Portanto, significativamente menor que a taxa democrática, como seria de esperar, já que a taxa da pobreza enfatiza mais do que a primeira a experiência dos mais pobres, cuja renda teve um crescimento bem menor que a dos mais ricos.

Com essas duas taxas, o economista ia considerar encerrada sua tarefa e inclusive traçou um gráfico para melhor explicar sua metodologia. No eixo vertical colocou o valor das ponderações relativas e no eixo horizontal o valor das rendas individuais relativas. As duas regras de ponderação foram então representadas pelas linhas abaixo:



A terceira linha, saindo da origem e com uma inclinação positiva, o economista havia traçado apenas para referência. Entretanto, verificou que ela

expressava um novo tipo de ponderação, exatamente inverso à ponderação da pobreza. *

De acordo com essa linha, as ponderações das taxas de crescimento são tão mais altas quanto maiores forem as rendas individuais. Ou seja, a taxa de crescimento da renda do rico vale mais que a do pobre; e as ponderações variam proporcionalmente com a riqueza das pessoas. O economista não podia a princípio ver em que tipo de filosofia política enquadrar essas ponderações, mas finalmente imaginou que elas traduzissem uma aplicação de certo pensamento religioso segundo o qual a riqueza material era um sinal de bem-aventurança futura no reino dos céus; como os ricos eram os escolhidos, cabia ponderar a taxa de crescimento de sua renda mais fortemente do que a dos pobres, a quem estava reservada a danação do inferno.

As ponderações da riqueza para Belíndia foram fáceis de achar; Antônio tinha uma renda de 100 para uma renda total de 150 ($100 + 5 \times 10$); logo, a ponderação da taxa de crescimento de sua renda seria de $100/150 = 0,666$; cada um dos demais membros teria uma ponderação de $10/150 = 0,066$. E o Agregado da Riqueza pôde ser obtido imediatamente:

$$15\% \times 0,666 + 5 \times 2\% \times 0,066 = 10,65\%$$

O relatório final portanto concluía com três alternativas para a taxa de crescimento de Belíndia, as quais o economista sumariou no seguinte quadro:

Taxas de crescimento de Belíndia na década entre MCMLX e MCMLXX

Ponderações	Taxas (%)
Democrática.....	4,15
Pobreza.....	2,26
Riqueza.....	10,65

O rei ficou muito impressionado com o relatório que o economista lhe fez, onde ficava claramente ressaltada a necessidade de um juízo de valor, de um julgamento político, antes de poder chegar a um valor agregado para o crescimento do reino. Qual não foi sua surpresa entretanto ao receber um relatório de seus próprios conselheiros, onde se afiançava que a taxa de crescimento da economia na década ti-

* A razão pela qual as linhas se cruzam num mesmo ponto é que o economista tomou um mesmo nível de renda como base, dando às suas ponderações absolutas o valor de unidade nos três sistemas de ponderação. Por exemplo, admitindo que a renda-base seja de Rr\$ 50, as ponderações relativas da renda de Antônio (Rr\$ 100) seriam iguais a 1, 1/2 e 2, respectivamente nos casos de ponderações democráticas, da pobreza e da riqueza .

nha sido de 10,65% e ponto final. "Como os senhores chegaram a esse resultado?", indagou o rei, de posse do relatório do economista visitante, que ainda não fora dado a conhecer aos pares do reino. "Muito simplesmente, majestade. A renda total do reino em MCMLX foi igual a 150 rupias-reais. Para calcular a renda de MCMLXX basta ver que a renda de Antônio, que era de Rr\$ 100, aumentou de 15%; logo, passou para Rr\$ 115; a renda das seis outras pessoas era de Rr\$ 10 e aumentou de 2%, logo passando para Rr\$ 10,2 em MCMLXX. Somando:

$$115 + 5 \times 10,2 = \text{Rr\$ } 166''$$

"Para calcular a taxa de crescimento do reino na década, basta pois subtrair 150 de 166 e dividir o resultado por 150, ou seja: $(166 - 150)/150 = 10,65\%$. Essa, majestade, a taxa de crescimento do agregado que, na contabilidade nacional, se chama de renda pessoal disponível. Desde que somemos a esse agregado o valor dos lucros retidos, dos impostos e da depreciação, obtemos o conceito de Produto Interno Bruto (PIB) que Vossa Majestade tem usado freqüentemente e cuja taxa de crescimento é praticamente igual à da renda pessoal disponível, como lhe poderemos mostrar".

"Não, não, está bem", balbuciou o rei, que não suportava o economês de seus conselheiros, o qual sempre o deixava muito confuso, acostumado que era aos raciocínios simples e diretos. Mas, sozinho, pôs-se a meditar sobre a igualdade entre a taxa de crescimento do PIB e a taxa de crescimento com ponderações da riqueza. Logo para ele se tornou claro o mistério: medir o crescimento do PIB diretamente é apenas uma maneira de encobrir um sistema de ponderações no qual cada pessoa comparece com o valor de sua renda; portanto, o resultado dos dois procedimentos somente poderia ser o mesmo.

O rei compreendeu então que o PIB era uma espécie de Felicitômetro dos Ricos. Incontinenti, mandou demitir seu conselheiro-mor para finanças que de longa data lhe vinha afirmando que o PIB era uma medida exclusivamente técnica, envolvendo apenas conceitos contábeis, e não tendo qualquer implicação ética. E decretou à Fundação que calculava as contas nacionais do reino que doravante explicitasse as ponderações adotadas, utilizando os três conceitos alternativos de crescimento tal como apresentados no relatório do economista visitante.

Desde estes acontecimentos o reino tem vivido dias mais felizes, pois, embora pobre, passou pelo menos a contar com medidas honestas de crescimento.

MORAL: Já não se fazem reis como antigamente.